PQ9261
.V3
Z54
1929

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

BARROS

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.V3
Z54
1929

a 00002 59699 8

This book is due at the WALTER R. DAVIS LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

Form No. 513, Rev. 1/84

THEREZA LEITÃO DE BARROS

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

LISBOA ❁ 1929

THEREZA LEITÃO DE BARROS

PQ9261
.V3
Z54
1929

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

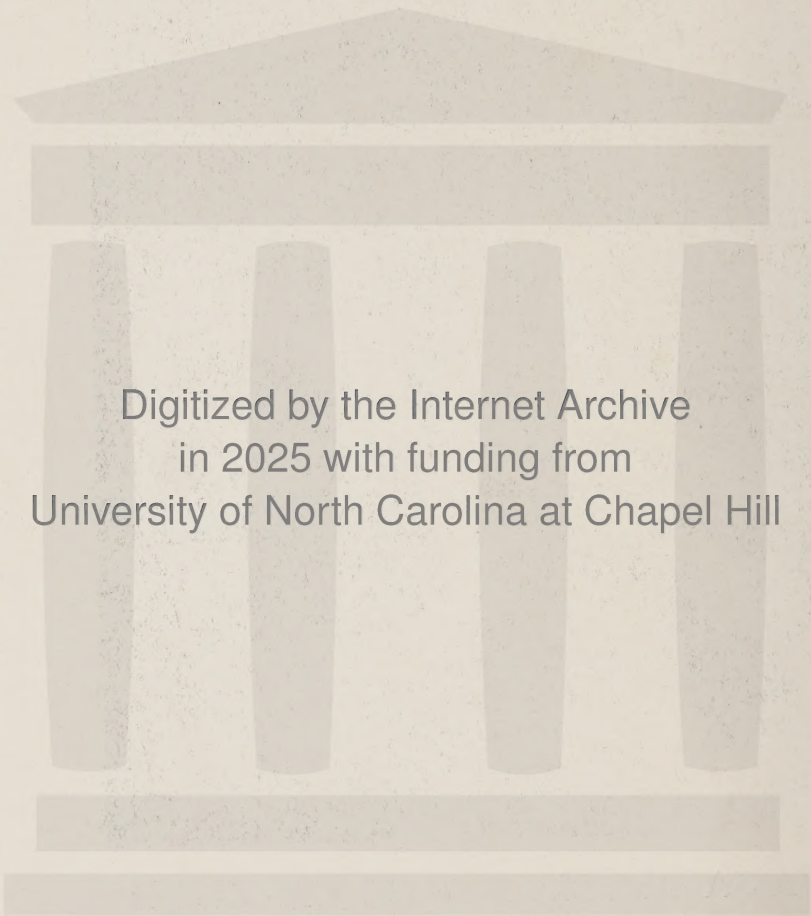
UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
PROPERTY OF
LIBRARY
AT CHAPEL HILL

LISBOA ❀ ❀ ❀ 1929

Os exemplares desta edição destinam-se especialmente a serem oferecidos a alunas do Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho que forem terminando os cursos complementares.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

(Quadro de Veloso Salgado)


Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

https://archive.org/details/mariaamliavazdec00barr

ESTAS PALAVRAS FORAM LIDAS NO SALÃO NOBRE DO LICEU NACIONAL CENTRAL DE MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO, EM LISBOA, AOS XXIV DIAS DO MÊS DE MARÇO DO ANO DE MIL NOVECENTOS E VINTE E NOVE, NUMA SESSÃO SOLENE COMEMORANDO O OITAVO ANIVERSÁRIO DO FALECIMENTO DA ESCRITORA QUE DEU O SEU NOME AO LICEU.

ÀS ALUNAS DO LICEU DE MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

— Para que se orgulhem de trabalhar sob a luminosa benção dum grande espírito de mulher.

Nunca a vi, não a conhecia... Mas êsse «frisson» do invisível ligou-me tambem a mim, por assim dizer, à sua memória hoje tão evocada e lamentada, ligou-me aos muitos que por ela choram.

Maria Amália Vaz de Carvalho — [*Coisas d'Agora*, pags. 35 e 36].

ACEDENDO a um penhorante convite da senhora Reitora, venho explicar o significado da comemoração hoje realizada e evocar timidamente o vulto glorioso da insigne escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho.

Ao facto de ser uma das professoras mais modernas dêste Liceu,

e, sobretudo, à circunstância de eu já haver tido ensejo de manifestar a minha fervorosa admiração pela obra e pela personalidade moral de Maria Amália Vaz de Carvalho, atribuo o vêr-me encarregada de tão simples e agradável tarefa como é esta de dizer em voz alta o que tôdas as minhas Ex.mas Colegas estarão, agora mesmo, a dizer em voz baixa, em palavras tão sinceras e tão sentidas como serão as minhas.

Não quereria pronunciar um discurso, nem sequer uma alocução. As palavras pronunciadas em comemorações desta natureza — palavras de elogio e de saudade — só valem pela sua alta inspiração ou pelo valor de quem as pronuncia. Uma

vez que não disponho de talento oratório nem de autoridade, sei que as minhas palavras podem ser apenas um reflexo impreciso do meu desvalioso mas consciente entusiasmo pela grande figura sob cujo patrocínio moral vive o nosso Liceu.

Para desculpar a pobreza da minha homenagem, só posso contar, e muito confiadamente, com a indulgência amiga das minhas Ex.mas Colegas, com a generosidade dos restantes ouvintes e, superior a tudo, com uma grande força íntima, nascida, particularmente, da minha ainda bem viva faculdade de admirar, da minha convicção de que ainda sei admirar com alvorôço e devoção, com exagêro e coragem.

É tambem à mesma faculdade de admirar que, principalmente, recorro nêste momento, quando ambiciono apenas que as minhas palavras tenham eco um pouco demorado nas almas moças onde ela sempre tão esplendidamente floresce. Oxalá as minhas palavras despertassem, em dezenas de almas virgens, a eclosão de tão estranha e melindrosa flor como é o poder de admirar, — flor que escolhe para jardim predilecto o espírito deslumbrado de quem começa a abrir sôbre a vida as mais curiosas janelas da inteligência.

Completam se, hoje, oito anos certos, que deixou o mundo a alma gentil de Maria Amália Vaz de Carvalho.

O corpo docente do Liceu que tem o seu nome, resolveu comemorar esta data, da seguinte maneira : inaugurar, na sala-biblioteca, um retrato da eminente escritora, reprodução fotográfica do conhecido quadro de Veloso Salgado, que representa Maria Amália Vaz de Carvalho na sua época de plena ascenção intelectual — ; reunir as alunas do primeiro ciclo liceal e chamar-lhes a atenção, pela voz das

respectivas directoras de classe, para a grande figura que é padroeira do Liceu — ; realizar esta simples sessão solene, a que foram convidadas a assistir as alunas dos quatro últimos anos — ; finalmente, ir, com delegações de alunas, depôr algumas flores junto do local onde repousam os restos mortais de Maria Amália Vaz de Carvalho.

Por muito modesta que seja a nossa homenagem, tenho a certeza de que ela será tão confortante para a alma da insigne escritora, como outras comemorações grandiosas a que pôde assistir e onde, em vida, lhe asseguraram a imortalidade. A minha certeza nasce do meu íntimo convívio com a sua obra. ¿Se eu

sei que uma das suas maiores canseiras, uma das suas mais constantes preocupações, foi trabalhar para o aperfeiçoamento moral da mulher, foi meditar para benefício de tôdas nós, porque não hei-de acreditar que se sinta feliz e orgulhosa por assistir, em espírito, à nossa despretenciosa homenagem, que é realizada numa escola de raparigas e levada a cabo por um grupo de mulheres encarregadas de educar mulheres? Ela, que recebeu preito de vassalagem dos mais poderosos e dos mais humildes, das almas obscuras dos seus milhares de leitores anónimos e dos espíritos eleitos dos grandes homens do seu tempo, dos seus inferiores e dos seus iguais, não rejeitará agora

o nosso tributo de veneração. Quando o não aceitasse como ainda mais um justo, se bem que desvalioso prémio de seus raros méritos, se não o aceitasse por conta da enorme dívida de gratidão que com ela contraíram tôdas as mulheres portuguesas, aceitava-a como boa lição de boas mestras, como um ensinamento completando aquele outro, menos efémero, que consistiu em dar ao primeiro liceu feminino português o seu belo nome de portuguesa. Ela, que foi uma sublime educadora, — que, sem ter sido uma profissional do ensino, foi uma professora inata — reconheceria melhor do que nós a verdade desta afirmativa: chamar a atenção por meio de homenagens ou de sim-

ples comentário, sôbre uma inteligência sã, produtora duma obra sã, duma obra cuja glória aumenta a própria glória pátria, é, afinal, dar uma lição como outra qualquer.

A nossa homenagem à memória de Maria Amália Vaz de Carvalho, significando o maior aprêço por essa memória que todos veneramos, tem, portanto e principalmente, o significado de uma lição. Vendo colocar numa sala do Liceu um retrato docemente expressivo, que retrata um espírito lindo e maternal, indo desfolhar junto dum caixão, uns ramos de flores frescas, nascidas e criadas em terra portuguesa, sob o sol da primavera que começou há três dias — e que tambem é portuguesa, como

tôdas as primaveras — as alunas do nosso Liceu ficarão talvez com o desejo de saber bem, de saber ao certo, quem foi essa senhora de tão suave expressão sob cujo olhar dulcíssimo trabalharão, d'ora-avante, na sala-biblioteca, e junto de quem deixaram as suas flores de primavera. Estejamos certos de que, se elas conhecerem, ainda que vagamente, a vida dessa senhora, se chegarem a ouvir alguns dos bons conselhos que ela lhes deixou em centenas de páginas dos seus livros admiráveis, as alunas do nosso Liceu passarão a trazer comsigo um invejável património de riqueza moral, alguma cousa que nem sempre é possível ensinar-lhes nas aulas e de que elas

necessitam mais, muito mais, do que de todos os outros conhecimentos: já saberão onde recorrer para resolverem alguns dos muitos e graves problemas morais que a Vida não raramente inscreve num quadro preto, no quadro da Fatalidade, que tantos avistam durante a sua permanência nesta imensa aula que é a Terra pequena e mesquinha...

Pelas razões que acabo de apontar, julgo que a presente hora de obscura glorificação, que apenas ressôa dentro do nosso Liceu e das nossas almas, é uma das que mais gratamente soariam aos ouvidos de Maria Amália Vaz de Carvalho, porque, sendo a sua hora de mais modesta apoteose, é a primeira hora

em que, já dentro doutro mundo, entra em comunhão com centenas de almas infantis, com centenas dessas crianças portuguesas que ela quis ensinar a serem mulheres, esposas e mães, dignas de tais nomes.

Para ela, que teve, como todos os verdadeiros artistas, horror ao mau e ao feio, a homenagem das crianças, a homenagem da inocência e da beleza, será uma das mais gratas.

Creio firmemente que, daqui a momentos, quando algumas crianças e adolescentes pousarem tímidamente — com aquele temor piedoso que inspira a idéa da morte — algumas flores pobres junto do local onde a eminente escritora repousa de sua lida

tão prestável e fecunda, estou firmemente convencida de que a sua alma se aproximará das nossas, não para nos dizer «obrigada», mas para nos pedir que continuemos, com maior amor, a nossa obscura e honrosa tarefa de todos os dias — a séria tarefa de educar raparigas,— a obra de ternura, entre tôdas grandiosa, que ela deixou tão magistralmente delineada.

❀

Maria Amália Vaz de Carvalho foi uma grande mestra que não teve mestres. Foi discípula de todos e de ninguém. De todos aceitou o melhor; de ninguém recebeu suges-

tões capazes de atrofiarem, pouco ou muito, a sua bela independência crítica.

Os livros foram os seus únicos mestres, mas não foi só nos seus livros que nos deixou as suas melhores lições.

As melhores lições de Maria Amália Vaz de Carvalho lêem-se mais fácilmente nos dias da sua existência do que nas páginas dos seus livros. A sua vida contem um ensinamento tão proveitoso como o que se encontra na sua grande obra, onde a própria forma literária — cheia de franquesa, de limpida sonoridade, de ritmos amplos em que a emoção desafogadamente floresce, cheia de clareza e de espontaneidade — parece

apontar-nos um caminho de virtudes.

Não seria oportuno traçar agora a biografia da eminente escritora, mesmo que fosse apenas para dela destacar os episódios de maior esplendor moral.

Todos sabemos que foi esposa muito dedicada do poeta parnasiano Gonçalves Crespo, — que foi «mãe», no sentido mais superior da palavra, mãe que trabalhou anos e anos a fio, para criar e educar os seus filhos. Acolheu sempre, carinhosa e indulgentemente, os que lhe pediam conselhos literários, procurando sempre estimular as vocações recemnascidas. Teve um justo orgulho da sua profissão, numa época em que

ser «mulher de letras» era dar uma grande prova de coragem e de desprêzo pelo maior dos ridículos: o mêdo de parecer ridículo.

Pela sua sala, pelo «seu cantinho», passaram os maiores vultos das letras e das artes, todos os portugueses do seu tempo que melhor mereceram o nome de grandes homens, passaram muitas «Figuras de hoje e de Hontem», muitos «Cérebros e Corações». De todos foi amiga como só raros sabem ser amigos. Foi ela a intérprete desinteressada dos mais fidalgos espíritos românticos junto da multidão, à qual tornou acessíveis os mais altos sonhos e ideais que floriram nêsses espíritos, por ela analisados e explicados

como livros de misteriosa linguagem. Na sua alma de mulher — e orgulhemo-nos com isto, nós que somos mulheres — couberam tôdas as almas dêsses mortos gloriosos, coube uma dezena de almas sem meandros e de almas labirínticas, almas que foram estradas largas e almas que foram atalhos prestáveis e escondidos. Como apreciou vozes literárias de muitos e vários timbres, sempre que fossem honestas e belas, entendeu almas as mais diversas e, por vezes, bem complexas, desde as almas rôxas de Antero e de Camilo à alma rósea de Ramalho Ortigão.

Os que conviveram com Maria Amália Vaz de Carvalho dizem que ela possuiu a arte de conversar e

de saber evitar que uma conversa naufragasse no mar alto da banalidade; a sua fôrça de argumentação era notável, mas generosamente atenuada por uma tolerância sem limites.

Ao contrário do que insinuou um dos seus mais eloqùentes panegiristas, a inteligência de Maria Amália não se isolou numa inacessível torre de marfim, bloqueada por livros, orientando uma «coterie» de admiradores zelosos. O mundo em que Maria Amália viveu, essa alta sociedade da inteligência, não foi sobranceiro ao mundo de todos nós, porque nêle encontraram eco solícito todos os assuntos que apaixonaram os seus contemporâneos, todos os

transes que amarguraram a pátria, todos os problemas que, para bem de todos nós, exigiam uma superior e pronta solução.

Entre tantos outros méritos, Maria Amália teve o de saber rir. Ela própria o afirma, numa carta particular: «*O que nós rimos, quando eramos novos!*» Parecendo que não, o saber rir é uma virtude, uma virtude cada vez mais rara e, até por isso, cada vez mais merecedora de que não a deixemos extinguir. Maria Amália soube rir, porque a sua saude moral foi tão exuberante que, mesmo na hora em que ela deixou de rir e aprendeu a chorar, resistiu sempre a todos os contágios de descrença ou desânimo, so-

bretudo de descrença nos recursos da nossa terra, de desânimo perante as probabilidades de ressurgimento nacional.

Como a sua alma vibrou emocionada por tudo o que merece entusiasmo — quer fossem milagres da Arte e da Natureza, quer fossem milagres da sua e nossa peregrina raça — pode dizer-se afoitamente que a sua vida foi uma vasta clareira onde resplandeceram tôdas as virtudes familiares e cívicas.

Foi tão boa filha, esposa e mãe, como foi boa portuguesa. Bem haja quem deu seu nome prestigioso ao nosso primeiro liceu feminino. Difícil, se não impossível, seria escolher outro nome mais belo, por mais

capaz de evocar, perante raparigas portuguesas, uma vida mais superiormente, mais femininamente vivida.

❀

Ramalho Ortigão, no prólogo dum dos livros de Maria Amália — as «Crónicas de Valentina» — escreveu estas palavras: «A sua vida foi tão bela como a sua obra». Aceitando como indiscutível uma tão autorizada afirmação, e acabando de recordar o que foi essa vida tão exemplarmente benemérita, é quási ocioso dizer que a sua obra pode ser apontada como um modêlo de obras bem pensadas e bem escritas.

Já tive ocasião de definir a sua obra como sendo uma casa amiga onde se entra com a certeza de nela ouvir sempre um conselho bondoso e inteligente, de nela encontrar sempre a mais generosa compreensão. Nessa obra, nessa casa amiga, respira-se sinceridade, simpatia, ilimitado poder de bem persuadir ao bem. Maria Amália é, talvez, dos nossos maiores escritores o que melhor consegue convencer-nos, o que nos deixa mais prêsos à eterna graça da sua eloqüência equilibrada mas ascendendo sempre, vertiginosamente, a regiões do mais azul idealismo. A sua fôrça de persuasão é tão grande que, muitas vezes, ao fecharmos uma última

página, adivinhamos tôda uma série de argumentos que ela não empregou mas soube sugerir, muitos pensamentos que ela deixou espalhados ao acaso sôbre as moitas floridas da sua estrada soalhenta, a caminho da Glória, – da estrada que percorreu até ao fim.

A precisão do seu raciocínio prende a nossa inteligência tão fortemente como nos prende os ouvidos a sua prosa colorida, movimentada, mas sem trocadilhos nem jogos de palavras — clara, leal, sem maneirismo, sem avêsso e sem ambiguidades, como o seu próprio coração.

Dizer que a sua arte de escrever é, principalmente, um milagre do instinto, um fenómeno de vocação,

qualquer coisa de providencial, que ela recebeu como graça de Deus e não conquistou à custa de trabalho fatigante e persistente, não será talvez o elogio mais a caracter com uma solenidade escolar — visto que a escola é oficina onde o esfôrço é a matéria prima — mas é, com certeza, um elogio cuja verdade está comprovada em todos os seus livros.

Se Maria Amália Vaz de Carvalho houvesse sido tão sòmente uma genial artista da lingua portuguesa, já isso constituiría pretexto mais que justificado para exaltarmos o seu nome. Se ela tivesse sido tão sòmente aquilo que tambem foi — a mulher que pela sua alta intelectualidade resgatou, no campo lite-

rário, a sua geração feminina, já isso bastava para pronunciarmos o seu nome com a maior veneração.

Acontece, porém, que a sua obra não foi apenas o único farol de luz extensa e grave, aceso por mão de mulher, no seu século de literatura exageradamente sentimental e pessoal, num século em que, na literatura feminina, há tão ínfimos valores a destacar,—ao findar de meio século em que, no dizer de Camilo Castelo Branco, as senhoras e as raparigas não liam romances, porque não sabiam lêr...

Não. Maria Amália não foi só a redentora da sua geração feminina, e a sua obra, valendo muito

como obra de arte, vale ainda muito mais como serviço prestado à causa da educação nacional. Pode mesmo dizer-se que todos os seus trabalhos, desde os livros de contos aos das monografias históricas e aos que nos levam – com geito de ternura e de carinho, com a solicitude de alguém que, reconhecendo seus milagrosos dons, quisesse encher de luz os olhos mais cegos – à presença dos criadores de tantas correntes literárias e filosóficas, desde os livros onde traça perfis de sábios, de princesas e de diplomatas até àqueles que redige à pressa, mas sempre com igual brilho, nos seus últimos e amargurados anos, todos obedecem a um espírito fundamen-

talmente educativo, que teve sua inegável e benéfica influência nas duas pátrias onde se fala português. Os seus livros serão penetrantes raios de luz diversamente coloridos, mas todos se conjugam para testemunharem a côr branca e puríssima das suas intenções morais.

Seria impossível analisar agora o que foi o seu ideal educativo e pedagógico. A êsse ideal já porventura o Tempo se encarregou de diminuir algumas insignificantes parcelas de prestígio; há nêle pormenores que a realidade, os acontecimentos se encarregaram de arruinar. Bastará lembrar, por exemplo, que Maria Amália, quando edificava o seu ideal de instrução femi-

nina, quando comentava a criação de liceus femininos e só pedia que se preparassem as mulheres para os seus deveres de mães, de esposas, de donas de casa, de educadoras da primeira infância, não podia antevêr as consequências de mil factores de ordem económica e social que nos foram impondo novos deveres. A-pesar-de possuir um sentido profético de que deixou reais provas, a-pesar-da sua grande intuição da vida, ela não podia visionar o convulso dia social que ia nascer, não podia adivinhar tôda a extensão do enorme salto que daria o mundo, durante quatro anos de guerra. Mas, deixando escrito que o essencial, na instrução femi-

nina, era conceder à mulher novas possibilidades, permitir que fôsse senhora do seu futuro e pudesse, em caso de necessidade, bastar-se a si própria, implícitamente reconheceu como é indispensável existirem escolas femininas que forneçam os pacíficos instrumentos de cultura, que são as mais nobres armas de combate, na luta pela vida, na batalha de todos os dias.

Repito: é impossível destrinçar agora todos ou só alguns pormenores do seu ideal educativo. Bastará dizer que foi uma incansável paladina da educação moral pelo exemplo. Compreendeu como êsse problema era capital, era mesmo o problema máximo, em tôdas as ho-

ras e em tôdas as sociedades. Pediu aos governantes que dessem bons exemplos aos governados; pediu aos mestres que dessem bons exemplos aos discípulos; pediu aos pais que dessem bons exemplos aos filhos. Pediu a todos, com o melhor sorriso da sua graça, que fugissem da vaga de cinismo e de maldade inconsciente que sentia avizinhar-se. Apontou o caminho da virtude como o mais simples, o mais curto, o mais humano e o mais belo, para quem procure a mais duradoura felicidade: a paz da consciência. Mas — nunca é demais repeti-lo — não apontou êsse caminho com a voz soturna dum prègador severo; apontou-o com gen-

tileza e sorriso, com a ternura e a generosidade que só as almas eleitas sabem dispender. Em algumas das suas obras — sobretudo em «Mulheres e Crianças» e «Cartas a uma Noiva» — deixou um piedoso formulário para muitas e graves doenças morais. Dispersas por tôda a sua vasta obra, há dezenas de páginas que merecem o mais atento comentário de todos os educadores.

Minhas Senhoras e meus Senhores :

Maria Amália Vaz de Carvalho, por ter sido uma grande moralista,

por ter querido ensinar a arte de ser bom, não descurou, em seus ensinamentos, o cultivo das virtudes activas, não se esqueceu de aconselhar, mesmo às raparigas, bastante animo viril e espírito combativo. Se o não fez na sua obra escrita, fê-lo na sua obra vivida, visto que a sua vida, sendo uma doce lição de bondade, decorrendo num ambiente de intacta pureza espiritual, foi tambem uma bela lição de energia. Fiel aos seus princípios, foi ao exemplo que recorreu para nos deixar a mais prestável das suas beneméritas lições.

❀

Vou terminar. As minhas últimas palavras serão para pedir desculpa de ter ficado tão longe do fim que pretendia atingir. Tudo quanto disse não chega, de forma alguma, para sugerir sequer o que houve de perfeito e de sublime no espírito de mulher que vela sôbre o nosso Liceu.

Devo confessar que não atribuo apenas à minha insuficiência de expressão a fraca nitidez com que tracei o perfil moral de Maria Amália Vaz de Carvalho. O espírito da insigne escritora já, há oito anos, ascendeu à sua eterna morada, mas, a-pesar disso, está ainda muito pre-

sente, ainda é muito nosso, para que seja possível admirá-lo em tôda a sua radiosa unidade. Emquanto o Tempo não facilitar a tarefa dos seus panegiristas, alguma coisa há-de sempre ficar por dizer, porque alguma coisa ainda não foi descoberta.

Que tôdas nós — alunas e professoras, — quando entrarmos, no Liceu, de manhã, no momento em que começamos o nosso dia, elevemos o pensamento, durante um instante, até junto dêsse grande espírito sob cujo patrocínio moral vive a nossa escola e que deixou, na Terra, um tão luminoso rasto. Pensemos tôdas: «Já que não podemos ser como ela, que sejamos, ao menos, como ela nos quereria.» Aproveitemos o

melhor possível a lição da sua vida e a lição da sua obra. Pensemos que houve, na sua existência aureolada pelo sol da mais bem merecida glória, um momento em que ela foi obscura e humilde mulher, foi uma simples mulher que trazia já dentro de si, como nós tôdas devemos trazer, um imenso ideal de perfeição e de solidariedade humana, um nobre desejo de acertar. Dentro do nosso campo de acção, tracemos em nossas vidas um caminho que se dirija para êsse mesmo ideal que ela nunca desistiu de alcançar. A nossa glória será muito menos deslumbrante do que foi a sua, mas tambem será merecida. Façamos por agradar-lhe, por chamar sôbre nós

a benção do seu espírito tão liberto de vaidades e de infecundas preocupações. Sejamos dignas filhas espirituais dessa que, no dizer de alguém, foi a mais ilustre mãe portuguesa. Estejamos certas de que não poderemos escolher mais fidalga ascendência intelectual e moral.

❁

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Ex.mas Colegas, professoras do Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho:

Os educadores, os crentes duma religião onde o fanatismo é virtude, onde as palavras do Evangelho são,

quási tôdas, palavras de sacrifício e de renúncia a muitas outras crenças — precisam de manter, dentro dos modestos templos que são as suas escolas, um culto reverente pelos seus santos, pelos seus apóstolos. Essa necessidade justifica, melhor do que quaisquer palavras, as razões desta comemoração.

Em boa hora, deram-nos por padroeira a insigne educadora que foi Maria Amália Vaz de Carvalho. È inteiramente justo, absolutamente natural, que pretendamos comemorar as grandes datas da sua vida e, em particular, a data que pôs fim a essa vida, sem a sujeitar à mais dura «lei da morte».

Não disse quási nada do muito

que deveria dizer sôbre a excelsa figura de mulher a quem homenageamos. Infelizmente não possuo, como ela possuiu, o raríssimo previlégio de moldar a nosso capricho a massa informe das palavras, das palavras que, dominadas por ela, jámais lhe atraiçoaram os pensamentos ou se manifestaram impotentes para os traduzir integralmente. De tudo quanto pensava dizer, nem metade chegou aos vossos ouvidos. Consola-me, porém, a certeza de que me dirigi a pessoas cultas e a almas ternas, bem capazes de completarem, por saber ou por instinto, o perfeitíssimo perfil moral que tão imperfeitamente deliniei.

As palavras sinceras, entusiastas,

bem conscientes e bem intencionadas, deixam, em geral, um rasto de saudável aroma que produz, dentro de cada alma, reflexos bem diversos, segundo o maior ou menor património de sensibilidade que cada qual possui. Estou persuadida de que as minhas palavras, destinadas em especial a serem ouvidas por gente moça e por educadores — por fieis adeptos da minha religião, da mesma religião de que Maria Amália foi tão eloqüente apóstolo, — só despertaram, em quem se dignou ouvir-me, pensamentos de veneração e de reconhecimento pela obra duma grande portuguesa, pensamentos de enternecido amor pelas crianças da nossa terra, cuja

sorte tanto preocupou a padroeira do nosso Liceu.

Isso me basta para que eu termine contente comigo, porque tambem contente comigo estará a alma entre tôdas generosa e maternal de Maria Amália Vaz de Carvalho.

ESTAS PALAVRAS FORAM IMPRESSAS EM LISBOA, NA IMPRENSA LUCAS & C.ª, RUA DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 61, AOS DOZE DIAS DO MÊS DE JUNHO DO ANO DE MIL NOVECENTOS E VINTE E NOVE

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA CHAPEL HILL
00002596998